



12 cenas em uma praça

daqui a uns 250 anos

(inspirado na praça Roosevelt, em São Paulo)

31 de outubro de 2005

(2ª. revisão)

Helder da Rocha

12 cenas em uma praça

Helder da Rocha

© 2005, *Helder da Rocha*
(11)3877 0877 e (11) 9291 0567
helder.darocha@gmail.com
www.helderdarocha.com.br

1ª. Versão: 10 de outubro

1ª. Revisão: 11 de outubro

2ª. Revisão: 31 de outubro: troquei o texto “ressurreição” (cena 6) por “crepúsculo”

Capa: igreja da Consolação, na praça Roosevelt (foto do autor)

Índice para catalogação

CDD 869.92 (Teatro brasileiro)

Cenas

Cena 1: fragmentação de memória.....	5
Cena 2: indiferença	7
Cena 3: a praça	10
Cena 4: o evangelista.....	13
Cena 5: um encontro.....	15
Cena 6: crepúsculo.....	19
Cena 7: identidade	23
Cena 8: reflexos	26
Cena 9: a ponte invisível.....	27
Cena 10: metamorfoses	30
Cena 11: cosmogonia.....	34
Cena 12: o julgamento.....	37

Todas as cenas ocorrem em uma praça (inspirada na praça Franklin Roosevelt, em São Paulo), num futuro hipotético (daqui a 200 anos ou menos, ou mais). Os dias são sempre mais escuros. As noites são sempre mais claras. Todos os espaços privados são monitorados. Mas há falhas e há como burlar o sistema. A praça é um lugar sem lei, e sem controle. É um lugar livre no espaço urbano. A identidade biológica e social não tem valor no sistema. Para participar do sistema e da sociedade é preciso que se tenha uma identidade sincronizada com o sistema e com a mente. As pessoas quase nunca saem de casa, nem se tocam. As pessoas que habitam a praça são em geral delinquentes do sistema. As cenas futuras são metáforas do presente, de valores, de temores ou de mitos.

Esses textos são todos experimentais. Poucos foram rescritos. Escrevi todos em dois dias. Não há nenhuma seqüência definida.

Cena 1: fragmentação de memória

(Um mendigo deitado sentado no banco de praça tentando dormir. Uma mulher vem na direção dele e pára atrás do banco, e grita para alguém provavelmente deitado que não é visível pela platéia)

MULHER - Puta que pariu. Você tá aqui! Puta que pariu! Eu tava te procurando por tudo que é lugar... Como é que tu faz uma dessas comigo, porra?

(O mendigo acorda. Olha curioso para ver do que se trata. Ela tenta levantar a pessoa que supostamente está deitada atrás do banco)

Vai, meu! Levanta vai! Vamos embora que já estamos atrasados. Que é que deu em ti, hein? Pirou foi? *(gritando)* Levanta, porra!

(O mendigo desiste e volta a tentar dormir. A mulher perde o controle.)

Olhe aqui seu merda, o que é que você está pensando, hein? Eu não estou brincando não! O que deu em você, hein? Você está bêbado? Levante-se. Agora! Vai, droga... *(ela abaixa-se, como se estivesse tentando levantar algo)* Levanta! *(bate)* Vai! Levanta! *(chuta nervosamente quase chorando)* Seu filho da mãe!

(O mendigo levanta-se outra vez e fica sentado. Observa a mulher que chora. Olha para trás do banco, depois olha para ela como se tentasse entender o que acontece)

MULHER *(percebendo o mendigo)* – O que é? *(chora)* Ele é meu filho... Não somos daqui... Eu não sei o que fazer... *(frágil)* Eu... eu não posso com ele...

(O mendigo começa a se levantar)

MULHER *(apavorada)* – Não! *(grita)* Ai! *(assustada)* Não se aproxime... *(indo na direção do filho)* Não chegue perto... Sai! Não toque nele! Nos deixe em paz! Socorro! *(grita, histérica)* Socorro!

(Ele afasta-se assustado. Senta-se e começa a juntar suas coisas. Ela corre para trás do banco e desaparece de vista. Ouve-se seu choro baixo.)

(Dois homens vestidos de branco aproximam-se do banco. Parecem médicos, mas têm um aspecto militar, frio, meio máquina. O mendigo olha assustado e sai de cena rapidamente. Eles conversam entre si e um deles aponta para o banco. Um fica na frente enquanto o outro dá a volta por trás.)

MULHER *(percebendo o homem, aterrorizada)* – Ah, não... *(desespera-se)* não... você não! *(chora)* Tenha piedade de mim. O que eu fiz? *(olha para o outro lado)* Ai!

(Ela levanta-se bruscamente e corre na direção oposta, tentando escapar, mas é impedida pelo outro homem que a agarra. Ela grita e chora, esperneia, tenta escapar. O outro homem corre para ajudar o colega, e tira do bolso uma pistola de aplicar injeção. Ela vê a pistola e grita. Ele aplica a pistola na bunda dela. Ela chora, mas

gradualmente vai ficando mais calma e adormece. Eles deitam-na no banco da praça e saem de cena.)

(Longa pausa.)

(Ela abre os olhos, lentamente. Olha em volta. Levanta-se lentamente e senta-se olhando para frente. Parece delirante. Sorri como se estivesse drogada. Penteia os cabelos, toca no rosto e ri – um riso idiota, de louco, de doente mental. Parece uma menina. Canta suavemente uma canção de ninar.)

Cena 2: indiferença

(Dois homens sentados no banco da praça)

HOMEM 1 – Por que todos os dias ficamos aqui sentados sem fazer nada?

HOMEM 2 – Porque não há nada para fazer.

HOMEM 1 – E por que não há nada para fazer?

HOMEM 2 – Porque o mundo é assim. Não fomos nós que o inventamos.

HOMEM 1 – E então, qual o sentido disso tudo? Por que estamos vivos? Qual o sentido de ficar aqui, sentado, conversando com você e observando o nada.

HOMEM 2 – Que outra opção temos? O mundo é assim. Hoje temos que descansar. Amanhã teremos que trabalhar. Sempre foi assim. Você não está bem? *(tira um adesivo do bolso)* Quer um?

HOMEM 1 – Não obrigado.

HOMEM 2 – Você devia pegar um. Não parece feliz. Isto pode lhe fazer mal.

HOMEM 1 – Claro que não estou feliz! Como posso estar feliz? Como posso ver o tempo passar assim e não fazer nada? É um tédio.

HOMEM 2 – Bem... daqui a pouco recarregaremos, e você ficará bem. Falta pouco.

HOMEM 1 *(ignorando-o)* – E nunca chove. Nunca acontece nada diferente. Todos os dias são brancos. Dizem que o céu um dia foi azul, sabia?

HOMEM 2 – Eu não acredito. Já disseram que o Sol um dia foi uma bola redonda, e que tem um Sol mais fraco à noite. Tem uns loucos que saem por aí pregando isso como se fosse verdade. Acho que foi a chuva que deixou todo mundo louco. Nunca mais havia chovido. Parece que não aprenderam que não se deve levar chuva.

HOMEM 1 – Eu gosto do cheiro da chuva. Tenho saudades. Eu não acredito muito nessas histórias de que ela faz mal. Queria ter tido coragem de me molhar. Fazia quanto tempo que não chovia?

HOMEM 2 – Eu não sei. Quando eu era criança lembro que choveu uma vez, e várias crianças ficaram loucas porque se molharam com a água da chuva. Eu não gosto da chuva.

HOMEM 1 – Eu lembro de duas chuvas além dessa. Queria ter me molhado. Conheço várias pessoas que se molharam e não ficaram loucas.

HOMEM 2 – Ah, duvido. Muitos por aí dizem que se molharam, mas eu não acredito.

HOMEM 1 – Você é muito cético. Aposto que não acredita na Lua.

HOMEM 2 – Há! *(irônico)* Claro que acredito. Ela existe na imaginação de um monte de gente. Como não poderia acreditar? Você acredita em estrelas, também, aposto, que vivemos em cima de uma bola, que ela gira... Faz muito tempo que ninguém acredita nisso. Eu acreditava nessas coisas quando era criança. E eu não gosto disso. Quem vai atrás dessas coisas fica

doido e se mata. Não consegue lidar com a realidade. Prefere acreditar num mundo de fantasia que não existe e lamenta-se que o mundo não seja essa fantasia.

HOMEM 1 – Eu acredito na Lua. Antigamente o céu era azul, e era muito claro. Tão claro que hoje nos ofuscaria. O que é branco para nós hoje, no passado seria escuro. À noite, a Lua iluminava a terra com uma luz suave. Quando não havia Lua, se via milhares de luzes no céu escuro.

HOMEM 2 – Pense bem. Imagine se isso fosse verdade. Como seria o mundo hoje? Imagine se ficasse tudo escuro? Já pensou nisso? A nossa sociedade entraria em colapso. Como uma bola de luz poderia iluminar o mundo todo? Me diz... Me surpreende saber que você acredita nessas coisas.

HOMEM 1 – E que a água era de graça e brotava do chão.

HOMEM 2 – Agora você está passando dos limites. Não comece de novo com essa história da água. Você viu o que aconteceu com nosso amigo.

HOMEM 1 – Eu não entendi. Ele disse que a água estava em todo lugar, e que era de graça. Eu não achei que ele fosse uma ameaça a ninguém. Se não é verdade tudo isso, porque se preocupam tanto com isso? Que mal há em especular sobre a origem da água?

HOMEM 2 – Esse é o problema. Você não percebe as coisas. Você é curioso demais. Fica procurando coisas que não existem e vai acabar achando, mas não vai ser o que você pensa que é. O mundo é muito mais complicado, meu amigo, do que imagina sua mente inocente. Amanhã é dia de trabalho. Teremos que mexer com água. É melhor você se acalmar, senão vai fazer besteira.

HOMEM 1 – Imagine só. Água em todo lugar. Tanta que dava para entrar nela... Se chovesse todo dia e se a água da chuva não fizesse mal, ninguém precisaria trabalhar.

HOMEM 2 – E a comida nascia do chão... você também acredita nisso, não é?

HOMEM 1 – Isso eu já não sei. Às vezes penso que a comida foi inventada. Antigamente ninguém precisava comer. O Sol servia para recarregar e a água era a única comida necessária.

HOMEM 2 – Como é que o mundo inteiro ia se recarregar no Sol? Você sabia que quando chove o Sol fica mais forte e pode descarregar as pessoas?

HOMEM 1 – Ouvi dizer. Mas o Sol não é um gás. É uma bola de luz. É tão forte que cega. Parece um gás porque está atrás do céu. Dá para recarregar o mundo inteiro. E o Sol é quem cria a água.

HOMEM 2 – Sei

HOMEM 1 – E a comida também! Inventaram a comida a partir de água sólida. Era colorida. As pessoas comiam pela boca.

HOMEM 2 (*cara de nojo*) – Eca!

HOMEM 1 – Mas comer era bom. A sensação era boa, e faziam em público, todos juntos...

HOMEM 2 (*mais nojo*) – Está bem. Chega. Você vai acabar se metendo em apuros se continuar levando a sério essas idéias. O Sol já está escurecendo e eu tenho que recarregar daqui a uma hora. Você está precisando de uma recarga completa. Isto lhe fará bem, tenho certeza.

HOMEM 1 – Não, não fará.

HOMEM 2 (*surpreso*) – Não? Ora... por que?

HOMEM 1 – Por que eu estou morrendo.

HOMEM 2 – Deixa disso... o que houve? Que história é essa?

HOMEM 1 – Eu não vou mais me recarregar. Peguei uma mutação...

HOMEM 2 (*afastando-se*) – Meu Deus...

HOMEM 1 – Não é contagiosa... e seu Deus não vai me ajudar. Eu não acredito nele.

(*Homem 2 tira um adesivo do bolso, e cola no braço*)

HOMEM 1 – Você não consegue viver sem isso, não é? Você não sabe o que é a tristeza. Por não saber o que é a tristeza, nunca saberá o que é a felicidade. Bem, eu espero que faça efeito logo e que você tome as atitudes esperadas. Eu não vou trabalhar amanhã. (*pausa*) Até logo.

HOMEM 2 (*frio e objetivo, quase robô, meio que sorrindo*) – Tchau. Lamento sua decisão. Preciso ir. Adeus.

(*O Homem 2 sai cambaleante. O Homem 1 permanece sentado.*)

Cena 3: a praça

(duas senhoras idosas, sentadas em um banco da praça)

SENHORA 1 – Os pombos eram de verdade.

SENHORA 2 – Não eram... eu lembro... dava sete horas em ponto e todos iam embora. Eram sincronizados.

SENHORA 1 – Mas a árvore era.

SENHORA 2 – Também não... quando eu era criança, lembro quando ela morreu, e colocaram essa réplica. Era mais bem cuidada na época e parecia mesmo real. Agora que está descascando parece de plástico, mas é a mesma árvore.

SENHORA 1 – Foram os terroristas...

SENHORA 2 – Não, foi muito sofisticado para terem sido os terroristas... Sugaram toda a água e a seiva. Os terroristas quando muito roubavam as folhas... foi gente poderosa.

SENHORA 1 – Eu me lembro... foi quando nasceu meu filho...

SENHORA 2 – Lá vem você com essa história de novo... desde quando você teve filho? Faz anos que ninguém tem mais filho... eles não sobreviveriam...

SENHORA 1 – Eu me lembro... o *Nepenthe*¹ não funcionou e me deram uma dose violenta de *Lethe*²... Eu sonhava com isto... não sei se é verdade, mas no sonho eu bati a cabeça na mesa, e ontem, quando fui fazer os exames, vi a marca na radiografia.

SENHORA 2 – Eu tive mais de dez mil alunos... nunca vi um só que tivesse umbigo de parto normal. Eles não sobrevivem... pegam vírus, bactéria, alergia, câncer, ou ficam loucos como os selvagens. Não é questão de higiene, apenas. É questão de vida mesmo... Mesmo que fosse legal seria uma irresponsabilidade ter um filho normalmente no dia de hoje... Não só pelo risco de morte, mas por gerar seres que ou vão morrer ou vão matar. O mundo mudou e não tem mais volta.

SENHORA 1 – Estão dizendo que a praça virou reserva de selvagens...

SENHORA 2 – É bem capaz... está tudo se acabando, aqui. Olha só esse lixo... Mas tem câmeras e elas estão funcionando. Acho que é invenção...

SENHORA 1 – Quando eu era criança, e esta árvore era viva, eu brincava ali na praça quando chegou uma mulher que disse que era minha mãe.

SENHORA 2 – Ai, que medo... você já me contou essa história...

¹ *Nepenthe* é uma palavra grega que significa algo que afasta o sofrimento, ou que traz o esquecimento do sofrimento. Aqui representa um tipo de ópio ou morfina. A palavra é famosa nos versos de Edgar Allan Poe "Respite- respite and nepenthe, from thy memories of Lenore!" (*O Corvo*).

² *Lethe* (*Letes*) é um rio do inferno na mitologia grega onde se esquece a vida passada. No *Inferno* de Dante, no *Letes* esquece-se apenas os pecados da vida passada.

SENHORA 1 – Sim, eles a levaram embora... Hoje me pergunto se ela não dizia a verdade...

SENHORA 2 – Deixa disso... claro que não! Que idéia macabra!

SENHORA 1 – Mas eu fiquei pensando, sabe... e se for verdade que ela era minha mãe, e se for verdade que eu tenho um filho...

SENHORA 2 – Ai... o que você tem hoje?

SENHORA 1 – Eu não sei... Ela foi muito gentil comigo... me abraçou...

SENHORA 2 – Poderia ter te contaminado...

SENHORA 1 – E me contou histórias...

SENHORA 2 – Imagino que sim... é um golpe comum. Que sorte a sua que levaram ela embora a tempo.

SENHORA 1 – Ela disse que antigamente todas as árvores aqui eram reais... e que ali havia uma igreja.

SENHORA 2 – Na torre?

SENHORA 1 – Sim. E que do outro lado havia um teatro...

SENHORA 2 – O que é isso?

SENHORA 1 – É como cinema holográfico, mas com pessoas reais.

SENHORA 2 – Mas como seria possível? Dentro daquelas salas? É muito pequeno... Como poderia ser num ambiente fechado? Como poderiam voar?

SENHORA 1 – O cenário era imaginado. Ninguém voava, só fazia de conta.

SENHORA 2 – Que chato... Que nem livro, então... odeio livro...

SENHORA 1 – Era diferente... dava para ver as pessoas.

SENHORA 2 – Sim, mas e os animais, os seres imaginários... como seria possível representar isto? E se tiver luta? Como vão fazer com a força da gravidade? Deve ser muito sem graça, sem contar que devia ser muito perigoso ficar perto, não?

SENHORA 1 – Não sei... só sei o que ela me contou. Ela me contou de um jeito tão bonito que imagino como se eu mesma tivesse visto... realmente, eles deviam voar de alguma maneira... imagino que deveriam ter um jeito resolver isto.

SENHORA 2 – Eu não sei não... eu desconfio dessas histórias contadas por estranhos. Esses prédios eram de apartamentos... tenho quase certeza. Aquele outro que vimos foi um cinema plano e era muito maior. Esses são muito pequenos... Acho que tudo isto era história que ela inventou para te seqüestrar.

SENHORA 1 – Talvez... às vezes penso se não teria sido melhor...

SENHORA 2 – Você está louca...

SENHORA 1 – Para onde será que ela me levaria?

SENHORA 2 – Provavelmente para as reservas... se não fosse te comer. No mínimo você já teria morrido de exposição radiativa há muito tempo.

SENHORA 1 – Será que minha vida teria sido mais feliz?

SENHORA 2 – Será que já não é hora da gente ir embora? (*levanta-se*)

SENHORA 1 – Eu queria ficar mais...

SENHORA 2 – Você precisa tomar seu remédio... não vejo a hora de você ficar boa e poder voltar à sua dieta normal. Se continuar assim, vai acabar enlouquecendo. Venha... levante-se... (*a Senhora 1 levanta-se*)

SENHORA 1 – É tão bom...

SENHORA 2 – O que?

SENHORA 1 – A praça... vamos voltar aqui mais vezes...

SENHORA 2 – Vou pensar... às vezes fico na dúvida se ela ajuda mesmo quem está no seu estado... você até que fica mais alegre, mas fala umas coisas muito estranhas.

SENHORA 1 – Vamos voltar amanhã!

SENHORA 2 – Tudo bem, mas agora vamos... (*saem as duas*)

Cena 4: o evangelista

(Um louco, na praça, falando sozinho e incomodando os passantes)

LOUCO *(para uma estátua de um cachorro)* – Você não me entende? Isto aqui não existe! Nós criamos este mundo porque estávamos muito distantes. Criamos porque queríamos ficar perto um do outro, e as distâncias se ampliavam à medida em que encolhíamos nosso mundo virtual. Este mundo não é real. Eu preciso que você compreenda isto, pois tudo está se transformando. Não adianta manter a consciência aqui, se é pior que lá fora. Eu queria recomeçar, mas para isto preciso da sua ajuda!

LOUCO *(para um casal sentado no banco da praça)* – Que chances tenho eu de convencer quem quer que seja? Estou dentro do mundo que sei que não existe. É falso, tudo isto. É um teatro... vocês são vítimas de um diretor doentio... isto não é real. Acordem! Acordem! O mundo ainda está vivo! Ainda há tempo para salvá-lo! *(o casal sai)*

LOUCO *(para um bêbado escorado numa árvore imaginária)* – Você pensa que esta árvore é de verdade? Claro que não! Eu, por exemplo, não vejo árvore nenhuma aqui... Nem vejo praça. Estamos num laboratório, num palco, e tudo isto é um grande faz de conta. Como poderia haver um mundo tão terrível assim? Como poderíamos viver sem consciência do passado, sem duvidar do que é de fácil percepção?

LOUCO *(para um homem lê um jornal)* – O texto é só uma metáfora. A vida é um espelho. Durma, feche os olhos, feche os ouvidos e ouça... Ouça os carros passando lá fora, ouça os atores falando na coxia... isto não é real, eu garanto. Relaxe, e medite, e deixe a mente em silêncio, pois só o silêncio da mente permitirá que se ouça as vozes. E não são vozes da loucura, não... Eu não sou louco, acredite! Eu ouvi as vozes e sei que são reais... Eu fechei os olhos, e com os olhos do inconsciente, eu vi o mundo lá fora. Isto aqui não são nada mais que sombras; sombras de idéias perfeitas, sombras de almas e de corpos eternos.

LOUCO *(para um menino que joga um jogo de computador, com óculos e fones de ouvido)* – Isto é um mundo simulado. Tire seus fones de ouvido, tire seus óculos, tire suas luvas e suas botas, e deixe que a brisa do mundo verdadeiro acaricie seu rosto... Acordem, todos vocês... acordem! O mundo é outro! Saiam já daqui! Acordem!
(dois homens de branco se aproximam)

LOUCO *(para um dos homens de branco, que fica imóvel)* – Você acha que eu sou louco, não é? Pois eu te digo que neste momento há pessoas lá fora controlando o que você pensa. Sim! Você não é livre! Você só pensa que é... e o seu pensar não é seu. Suas idéias originais são reflexos, e são tão precisos que não há vontade nem liberdade capaz de alterar seus traços...

LOUCO (*para o outro homem, enquanto o primeiro homem o segue*) – E no fim, todos nós orgulhosamente ostentamos nossa sabedoria sobre o Universo. Conhecemos sua origem e seu fim. Prevemos chuvas, tempestades, ondas gigantes. Somos os reis da natureza. Ah, como é bom acreditar nas ilusões. Como é bom crer na proteção, na salvação. Comam o fruto antes que seja tarde! Abram os olhos, ouçam o som do silêncio... Não desistam! (*é agarrado por um dos homens de branco*) Nunca deixe que pensem no seu lugar (*o outro aplica-lhe uma injeção*)... ai! ... (*eles o soltam*) Mas parem de pensar, por um instante... só para deixar ... q... que o seu pensamento real... (*tonto*) ... só para ouvir sua voz verdadeira... (*cai*) ... acordem! ... por favor... acordem!

Cena 5: um encontro

(dois homens chegam e sentam-se em um banco de praça)

PIX – Como é que você tem certeza que aqui é seguro.

SET – Eu vi ontem, na rede... o cara que foi pego aqui. Fazia dias que ele perambulava por aqui e ninguém percebeu...

PIX – Sim, mas pegaram ele.

SET – Pegaram por azar... ele pegou no sono e deu conflito com a frequência de sincronização.

PIX – Ainda não estou seguro... tem guardas lá do outro lado, olhe...

SET – Sim, mas eles são autômatos. Você não viu aquela louca? Faz dias que ela não saía daqui. Pegaram ela e deixaram lá, deitada... nem se preocuparam em levá-la embora.

PIX – E as câmeras? Você disse que elas estariam desligadas, mas elas se movem...

SET – Eu disse que elas foram adulteradas, é diferente... Se elas tivessem desligadas aí sim seria um problema pois isto seria registrado e eles viriam consertar. Adulteradas, elas perdem os dados... não há risco... vão demorar um tempão para descobrir, isto se tiverem interesse. Eles abandonaram isto aqui, por isso é que é seguro.

PIX – E os insetos? Se formos picados por insetos não temos seguro...

SET (*irônico*) – Insetos? Ficou louco? Quem lhe contou isto? Se houvesse animais vivos por aqui isso tava lotado de gente... Inseto vivo vale ouro. É mais fácil ser contaminado por nanobots...

PIX – Aqui tem nanobots?

SET – Não... acho que não.

PIX – Quando eu era criança eu tinha vontade de conhecer este lugar... mas tinha medo... minha mãe dizia que era um lugar muito perigoso...

SET – Você tinha mãe, Pix?

PIX – N... não... quis dizer...

SET – Pode falar... eu não tenho nada contra...

PIX – Eu tenho vergonha...

SET – Não se preocupe... eu não ligo, já disse...

PIX (*com medo*) – Se a gente morrer aqui ninguém vai saber...

SET – Não vai... isto não é fantástico? Você entra aqui e o sistema ignora que você existe...

PIX – Nem tanto... ele percebe sua falta...

SET – Percebe, mas é só não ficar aqui tempo demais, por isso que precisamos de objetividade!

PIX – A gente pode falar de tudo, aqui? Qualquer coisa?

SET – Sim, mas não use termos técnicos ou vocabulário *underground*... eu não confio nesses filtros. Eles conhecem os codinomes.

PIX (*distraindo-se*) – Veja, o que é aquilo?

SET – É um cachorro.

PIX – De verdade? Eu nunca vi um... o que ele está fazendo?

SET – Claro que não... é sincronizado. Pra começar, se fosse de verdade não agüentaria a aridez... Mas vamos ao que interessa. Temos pouco tempo. O contato que você me conseguiu não tinha passes, mas eu consegui 12 mil códigos. Todos limpos e livres de qualquer suspeita!

PIX – Doze mil? É muito... e se tiver vírus no meio?

SET – Não fale vírus...

PIX – Hã? ... desculpe... mas não é termo *underground*...

SET – Sei lá... parece... pode ser que peguem...

PIX – Dá para aproveitar quantos?

SET – Talvez uns 20. Eu consigo testar dois mil em uma hora... Preciso de seis horas... Estão prevendo uma tempestade elétrica para os próximos dias... talvez seja suficiente.

PIX – Vinte! E se tiver...

SET – Não tem! É limpo... Peguei de uma mesquita...

PIX – Ah... A gente fica com os vinte?

SET – Não, tenho que pagar metade para os caras... mas não preciso informar as identidades. Dá pra usar cinco dias seguidos ou uns 30 avulsos, talvez mais se a gente não se expor demais. Aqui levaram dez dias para descobrir um conflito de identidade. É só não pegar o metrô e ficar longe do distrito árabe. E você está me devendo um, então vou lhe passar quatro.

PIX – Certo.

SET – Agora não pense mais nesse assunto. Tome uma dose de *Nepenthe* ou *Lethe* quando sair daqui e ligue o sincronizador para voltar daqui a três dias.

PIX – E agora?

SET – Agora você pode ir.

(*pausa*)

PIX – Você não vai?

SET – Não.

PIX – Por que?

SET –... porque... eu estou esperando alguém.

PIX – Quem?

SET – ... uma pessoa... não tem nada a ver com o que a gente falou.

PIX – Posso ficar?

SET – Não... é um assunto particular.

PIX – Eu não gosto disso...

SET – Veja... pegue (*entrega dois adesivos*) ... vá... pegue!

PIX – Eu não quero esquecer...

SET – Você ficou maluco? Se você sair daqui com essas informações, vão lhe matar... Tome seu *Nepenthe* agora!

PIX – Não... você vai me denunciar...

SET – Por que diabos eu ia denunciar você? Ficou louco? Você não confia em mim, Pix? Eu fiz a cortesia de dividir isto com você, e agora você acha que eu vou denunciar você...

PIX – Quem é que você vai encontrar?

SET – Uma amiga...

PIX – Quem?

SET – Você não conhece... é uma prestadora de serviços... decidi aproveitar e me divertir um pouco, já que vim até aqui e não serei detectado até o fim do dia.

PIX – V... você vai... vai fazer...

SET – Sim, vou!

PIX (*contrariado*) – Mas... p... por que?

SET – O que é que você tem, Pix? Eu não tenho muito tempo... Vá... tome logo esse *Nepenthe*... (*descasca o adesivo e tenta colocá-lo no braço do Pix, que se levanta assustado. Set levanta-se e o agarra violentamente... para evitar que ele fuja*) Veja bem, Pix... (*nervoso*) você está alterado... se continuar assim, vai colocar em risco a minha vida, e a sua também... entendeu? Eu não vou deixar você sair daqui... tem nanobots na sua mão. (*solta Pix*) Se você se afastar sem tomar esse *Nepenthe*, eu aciono...

PIX (*quase chorando*) – É mentira... se você acionar eles vão nos descobrir...

SET (*tranquilamente*) – Mas antes disso você morre e eu dou o fora.

PIX (*desespera-se e chora*) –Pensei que você gostasse de mim... você é cruel...

SET – Pix, Pix... meu caro Pix... você está mal, hein?... (*aproximando-se dele*) Olha só... era brincadeira, não tem nanobots... mas é melhor você passar uns dias na cidade e recarregar; você não vai durar muito desse jeito.

(*Pix tenta abraçar Set desesperadamente, que o repele*)

SET – O que é isso... (*empurra-o*) Sai! Sai! Você ficou louco?

PIX (*implorando*) – Não me deixe... por favor... fique comigo...

SET – Eu não vou lhe deixar... de onde você tirou essa idéia?

PIX – Você vai... você vai fazer... *(chora)*

SET – Vou... mas não é nada demais... Mais tarde nos encontraremos... Tome seu *Nepenthe* que tudo vai dar certo *(tira uma ampola e uma seringa do bolso; prepara sem que Pix veja)*.

PIX *(parando de chorar)* – Eu não vou... vou fic...

(Set agarra Pix por trás, que começa a gritar... cobre sua boca e aplica-lhe a injeção entorpecente... ele reage, esperneia, grita, derruba Set e tenta fugir, mas logo começa a enfraquecer e cai sentado.)

SET *(depois de um momento)* – E então, Pix, como estão as coisas?...

PIX *(ri como criança)* – He... hehe.... legal, ... he... eu quero mais...

SET – Me dê sua mão, Pix... tenho um presente pra você

PIX – Um presente?

SET – Sim... me dê a mão...

(Pix dá a mão. Set descasca um adesivo de Nepenthe e cola na mão dele. Pix ri.)

PIX – P... presente... *(ri)*

SET – Bom menino... Você sabe ir para casa, daqui, Pix?

PIX – Hmmm... s...s... sei não...

SET – Eu vou lhe ensinar... venha cá... Está vendo aqueles homens de branco, ali...

PIX *(rindo, como um idiota)* – He... hehe...

SET – Ótimo... vá até eles, e pergunte como chegar em casa, e eles vão levá-lo... Vá... Diga que você se perdeu da sua mamãe... Eles são legais; não tenha medo, Pix... Vão lhe mostrar o caminho...

PIX – He... he... obrigado! Então eu vou pra casa... pra casa!... Você é um homem legal...

SET – Vá sim, Pix... qualquer dia nos veremos de novo... tchau!

PIX – Tchau...

(Pix fica em dúvida sobre para que lado ir; Set levanta-se para mostrar-lhe o caminho e ele sai de cena.)

Cena 6: crepúsculo

(Dois cegos conversam num banco da praça)

CEGO 1 – Ela se foi.

CEGO 2 – Para onde?

CEGO 1 – Ninguém sabe... Já tinha ido, na verdade... Faz tempo. Eu sei que ela não está mais. Ainda sinto que ela me toca, mas não consigo vê-la.

CEGO 2 – É delírio.

CEGO 1 – Não é não. Ela deixa marcas... às vezes fere. Eu sinto o cheiro dela... é cheiro de sangue! Ela grita, implora para ser vista, me arranha e me derruba.

CEGO 2 – Não tem mais volta?

CEGO 1 – Não.

CEGO 2 – Como você sabe?

CEGO 1 – Porque... porque na verdade eu não quero que tenha! Se eu voltar a tomar essas coisas eu sei que ela volta, mas eu não quero viver com a imagem de alguém que só existe quando estou delirando.

CEGO 2 – Ah... entendo.

CEGO 1 – Ela só existe lá... talvez seja uma simulação, um programa, uma idéia...

CEGO 2 – Mas se ela te arranha... se grita...

CEGO 1 – Essa é a minha dúvida... Pode ser o contrário... Ela existe, mas não há contato pelo sistema. Se eu me desligar do sistema eu não vejo mais nada, nem você, nem ela, nem ninguém. Ela se desligou. É por isto que não a vejo.

CEGO 2 – Mas então ela é real!

CEGO 1 – Provavelmente... possivelmente.

CEGO 2 – É como se fosse... um fantasma!

CEGO 1 – Não. É como se fosse um corpo sem alma.

(Pausa.)

CEGO 2 – Que silêncio.

CEGO 1 – É a calmaria. Em breve virá a tempestade.

CEGO 2 – Talvez seja melhor irmos embora.

CEGO 1 – Não. Eu vou esperar.

CEGO 2 – Entendo. Você se incomoda se eu não ficar?

CEGO 1 – Não. Mas eu garanto que é mais seguro você ficar aqui.

CEGO 2 – Por que?

CEGO 1 – Ora, porque este lugar não existe no sistema! Aqui não tem como lhe roubarem.

CEGO 2 – O que podem me roubar?

CEGO 1 – A identidade, a presença, a existência...

CEGO 2 (*assustado*) – Como assim? Eu não sabia que isto era possível.

CEGO 1 – Aqui as identidades não valem nada. Mas tenha cuidado, pois na passagem existem singularidades.

CEGO 2 – O que são singularidades?

CEGO 1 – São falhas. Falhas de continuidade. O mapa em que você acredita não representa corretamente o território. Este território aqui onde estamos ninguém controla, mas quando se passa de um lado para o outro, a transição fica exposta. Ela deve estar por aqui e se você atravessar, ela pode lhe atacar.

CEGO 2 (*nervoso*) – Quando posso sair daqui com segurança?

CEGO 1 – Com segurança não se pode viver neste mundo. Fique mais um pouco. Não tenha medo. Tudo isso é apenas uma ilusão. O medo inclusive.

CEGO 2 – Porque você me trouxe aqui.

CEGO 1 – Foi um erro. Por um instante achei que você talvez quisesse enxergar.

CEGO 2 – Como assim, enxergar? Aqui não enxergo nada.

CEGO 1 – Assim lhe parece? Garanto que aqui você enxerga mais que lá. Aqui as ilusões nos pertencem. Ninguém injeta nada na sua mente.

CEGO 2 – Você prefere nunca mais enxergar nada?

CEGO 1 – Enxergar? Você não entende? O que eu vejo, o que eu ouço, a dor que sinto, o prazer... nada disso é real.

CEGO 2 – A cidade não é real?

CEGO 1 – Talvez seja, mas não da forma como parece.

CEGO 2 – O meu rosto... as pessoas... as cores...

CEGO 1 – Que cores? Nós somos cegos! Nossa visão é artificial! Você acha que ela é completamente fiel à realidade? Se os que vêm naturalmente já não enxergam, imagine os que nunca viram.

CEGO 2 (*desolado*) – Isso não faz sentido... parece absurdo...

CEGO 1 – É absurdo.

CEGO 2 – E quem controla tudo isso?

CEGO 1 – Ninguém.

CEGO 2 – Ninguém?

CEGO 1 – Não sei. Mas não precisa que alguém controle. Um monte de cegos corre rumo ao precipício e cada um deles acha que os outros sabem para onde estão indo. Compartilham as mesmas ilusões e assim pensam que essas ilusões são a realidade. Quem não se ilude é cego, ou então é louco.

(*Um barulho, como um zumbido de curto-circuito.*)

CEGO 2 – O que é isso? (*assustado*) Será que ela chegou?

CEGO 1 (*pensativo*) – Não sei. Sinto uma pulsação.

CEGO 2 – Pulsação?

CEGO 1 – Ouça!

(Permanecem em silêncio.)

CEGO 2 – Que silêncio... Ainda não é a tempestade.

CEGO 1 – Talvez um trovão distante.

CEGO 2 – Alguém pode ter atravessado a passagem... pode ter sido atacado.

CEGO 1 – Pode ser.

CEGO 2 *(assustado)* – Talvez já esteja aqui, entre nós!

CEGO 1 – Pode ser.

CEGO 2 *(inquieto)* – Acho que... talvez... talvez dê para eu ir embora... Você não pode me acompanhar até a torre?

CEGO 1 – Você quer mesmo voltar?

CEGO 2 – Se eu não for, para onde irei? Não posso ficar aqui para sempre...

CEGO 1 – Você nunca saiu daqui.

CEGO 2 *(confuso)* – Não entendi.

CEGO 1 – A escuridão jamais será total depois que se conhece a luz. Se você sai da ignorância não volta mais. É caminho sem volta. Você passou a vida buscando isto e agora você conseguiu. O mundo não lhe é mais útil.

CEGO 2 – Sim... mas... o que isto tem a ver? Eu só quero ir embora.

CEGO 1 – Você está querendo ter de volta uma ilusão. A realidade é que você nunca saiu daqui, entende?

CEGO 2 – Não... não sei... Não! É muita coisa para a minha cabeça... você está me deixando muito confuso. Eu não sei o que pensar. Minha cabeça dói! Ai!

CEGO 1 – Tudo bem. Acalme-se. Eu sei que não é fácil. Venha.

CEGO 2 – Eu acho que eu vou embora.

CEGO 1 – Sim, está na hora.

CEGO 2 – Você vem comigo?

CEGO 1 – Não precisa.

(Cego 2 hesita)

CEGO 1 – Não tem perigo mais... você pode ir.

CEGO 2 *(hesitante)* – Mas... e se ela chegar?

CEGO 1 – Ela não vai mais chegar.

CEGO 2 – Como você sabe? *(silêncio)* Hein? *(como se visse)* Ela... ela está aqui!

CEGO 1 – Sempre esteve, sempre foi.

CEGO 2 *(em pânico)* – Onde?

CEGO 1 – Não é onde... é quem.

CEGO 2 – Quem?

CEGO 1 – Sim, quem. Não é um lugar, é uma identidade. Veja, não existe espaço.

Tudo é sua mente. Você só precisa acordar. Quer olhar um espelho?

CEGO 2 – Um espelho? O que vou ver num espelho?... Quem é você?

CEGO 1 – Exatamente. (*Sorri.*) Você já pode ir, se desejar.

CEGO 2 (*ainda confuso*) – Eu não entendi...

CEGO 1 – Venha, levante-se... pegue seus olhos (*colocando os olhos no outro*).

CEGO 2 – Me explique, por favor... o que é que está acontecendo?

CEGO 1 – Nada. Tudo o que tinha de acontecer, já aconteceu. Está terminado.

CEGO 2 – Terminado?

CEGO 1 (*sorrindo*) – Ah, sim! Este dia já terminou. Amanhã nascerá outro.

CEGO 2 – Eu não entendo suas respostas.

CEGO 1 – Não precisa... É assim que funciona o Universo. É preciso que exista a morte, para que a existência possa ser eterna.

CEGO 2 (*assustado*) – A morte...

CEGO 1 – Sim... ela mesma! Às vezes estamos tão envolvidos com nossas ilusões que nem percebemos que *ela* já chegou, não é mesmo?

CEGO 2 – (*com os olhos artificiais, diante do espelho*) Eu não estou vendo nada.

CEGO 1 – Não há mais nada para ver.

(*Cego 2 vê que não reflete no espelho, arranca os olhos e foge.*)

Cena 7: identidade

(Uma moça sentada do lado de um mendigo, na praça)

MOÇA – Tudo bem. Vou falar uma língua que você entende. Quem é você?

MENDIGO – ... eu já disse tudo o que eu sabia. Você é da polícia?

MOÇA – Veja bem, eu não me incomodo que vocês não liguem para o resto de nós, nem que prefiram viver a vida assim, sem sincronismo, sem proteção e sem registro. Mas assumir uma identidade que não lhe pertence não só é crime, como pode lhe trazer muitos problemas. Você não imagina as conseqüências do seu ato?

MENDIGO *(entediado)* – Eu só queria dormir.

MOÇA – Eu entendo. Mas você confundiu centenas de pessoas, causou danos psicológicos graves em uma mãe e forçou o desperdício de milhares de yenes. Você tem que entender que não pode simplesmente gerar quaisquer freqüências que desejar. O mundo tem um equilíbrio, e isso que você pensa ser uma pequena transgressão abala profundamente o equilíbrio do mundo... *(pausa)*

MENDIGO *(ignorando-a)* – Ah...

MOÇA – Veja bem, eu estou do seu lado. O mundo está contra você. Eu estou fazendo o possível para que nós nos entendamos. Eu também não concordo com o controle que eles estão querendo impor à humanidade, à natureza. Mas, certas coisas são tão... básicas, e é incrível que você insista em se opor a tudo, em quebrar todas as regras... Você é egoísta. Você não facilita as coisas.... Eu estou quase desistindo de você.

MENDIGO *(olhando para ela)* – Hum, hum...

MOÇA – Você não vai dizer nada?

MENDIGO – ... Eu... só quero ser eu mesmo. Não quero nenhuma identidade digital. Não quero ligar para freqüências, sincronismos. Não quero ser controlado. Abro mão de todos os benefícios. Deixem-me ser marginal. Eu os deixo em paz.

(A moça olha para ele, confusa)

MENDIGO – Por que você me olha?... Não entende?... Claro que não... Veja, eu não tenho células estranhas na minha cabeça, moça! Se meus sonhos interferem nos seus mundos imaginários, não é culpa minha!

MOÇA – É sim! É sim! Puxa, como você não entende uma coisa tão simples?...

MENDIGO *(irônico)* – Simples...

MOÇA – Eu não vou conseguir ajudar você se você continuar com esses pontos de vista, cara! Não é possível que você não entenda. Você faz de conta que não entende... Por que você freqüenta a cidade se não concorda com nenhuma de nossas regras? Por que não faz sequer a sincronização obrigatória dos animais?...

MENDIGO – ... o que é isso? ...

MOÇA (*discursa sem ligar para o que ele fala*) – Tudo bem que não aceite equalização automática... muitos não aceitam. Mas se você decidiu pelo primitismo, não pode simplesmente ocupar lugares públicos controlados, entende?

MENDIGO – ... primitismo eu não sei o que é, mas primata eu sou, com muito orgulho...

MOÇA (*ignorando-o*) – E você entende tudo isso... Pessoas sofrem, pessoas morrem, a economia sofre. Você causa danos à nossa sociedade.

MENDIGO – ... por estar vivo.

MOÇA – Você sabe disto desde criança, pois você não é nenhum selvagem ignorante!...

MENDIGO – ... vocês inventam palavras muito difíceis...

MOÇA (*veemente*) – Você deliberadamente causa transtornos sociais. Ocupar um espaço controlado como a praça, sem registro e passando por um animal clandestino já é ilegal. Gerar frequências cerebrais em um ambiente urbano, para as quais você não tem licença é crime. Não só você tem feito isso constantemente, como já provocou conflitos e invadiu sistemas de identidade.

MENDIGO – Incrível... foi só um sonho!

MOÇA – E você entende disso tudo que eu sei! Não é ignorante. Porque você insiste em permanecer aqui na praça? Porque não vai para uma reserva? Você tem direito de sonhar o que você quiser numa reserva...

MENDIGO – Eu não sou louco, nem criminoso...

MOÇA – Você não tem medo da morte? (*pausa*)

MENDIGO – Ah... que bom que você parou de falar... É uma boa pergunta. Por que ainda estou vivo?

MOÇA – Como?

MENDIGO – É! Por que? Se vocês têm tanto controle, porque não me detectaram desde o início como vírus no seu sistema perfeito e me descartaram? Eu vim para a praça porque queria me matar. Eu quis morrer. Não era minha intenção chamar atenção de ninguém. Se chamei atenção, se continuo vivo, é porque interesse a alguém, ou então tem algo de errado com vocês, com o mundo, e não comigo. O mundo como eu achava que ele era já teria me eliminado... talvez o mundo não seja tão ruim assim, afinal.

(*A moça olha para ele em silêncio.*)

MENDIGO – Desculpe... você não vai me entender... eu sou louco, sabe?

MOÇA (*ainda confusa e assustada, inaudível*) – ... louco...

MENDIGO – Mas falando sério, você, aqui, conversando comigo... isto me deu uma certa esperança de que um dia isto tudo pode mudar... Pode ser uma ilusão passageira. Mas eu gosto de ilusões passageiras. Por um instante, eu perdi minha vontade de morrer. Mas se eu morrer, terei cumprido o que vim fazer.

MOÇA (*desorientada*) – ... eu... (*pausa*)

MENDIGO – Porque você não deixa, por um instante, a imaginação livre. Solte sua imaginação! Viaje!

MOÇA – N... n... não faça isto!

MENDIGO – Sim! Por que não? Deixe-a fluir, ocupar os espaços da sua mente. Você consegue! Deixe-se imaginar outro mundo. Como é seu nome?

MOÇA – Seu cretino! Como pode fazer uma pergunta dessas? (*triste*) Eu... por um momento... acreditei em você.

MENDIGO (*irônico*) – E agora eu devo estar lhe corrompendo...

MOÇA – E ainda fala com a maior naturalidade! Você não tem jeito... Vou embora!

MENDIGO – Não tenho mesmo, graças a Deus. E tenho um nome!

MOÇA (*nervosa*) – Você é louco! Louco! Louco!

MENDIGO – Eu avisei! Mas, obrigado pela companhia. Você foi muito gentil, moça sem nome.

(*Ela permanece imóvel olhando para ele com um olhar triste.*)

MENDIGO – Que pena que você não pode chorar.

(*Ela chora.*)

MENDIGO (*surpreso*) – Não, não faça isto... Você não iria sobreviver no meu mundo... Você não devia estar chorando... isto é impossível. Você parou de tomar seus remédios? Não faça isto. Me deixe só. Volte para o seu mundo! Você não suportaria a infelicidade de viver sem um nome. Você é muito nova... Você não se lembra de como era antes. É melhor não lembrar. Vá, não pense muito; seja feliz. Vá, e deixe-me morrer em paz. Vá!

MOÇA – Não.

MENDIGO – Vá... eu já sou uma ameaça social, e se eu corromper você aí sim que as coisas ficarão pior. Vão matar você, mas me manterão vivo. Vá!

MOÇA – Não.

MENDIGO (*pausa*) – Pois bem, então ficaremos aqui. Já que vai ficar, pode me chamar de Aram... Falta pouco para o Sol se por. Amanhã talvez chova.

MOÇA – Eu quero um nome. Me dê um nome!... Sem número e sem arroba!

MENDIGO – Que tal Amanda? É chuva em Tupi, uma língua antiga, de um povo livre, já extinto.

MOÇA – Eu! Eu sou Amanda.

Cena 8: reflexos

(Um homem deitado no banco da praça. Um menino e uma menina no chão, brincando com pedrinhas, bolas de gude ou parecido; brincam e riem, mas não falam nada)

MENINA – Você vai ter que acordar.

MENINO – Por que?

MENINA – Já é hora.

MENINO – Eu não quero... eu quero ficar aqui.

MENINA – Você não pode ficar.

MENINO – Então vem comigo!

MENINA – Eu não posso... eu não existo.

MENINO – Claro que você existe... venha *(pega a mão dela e a leva para o outro lado do palco)* ... eu vou dar um jeito de você voltar comigo.

MENINA – Eu não posso...

MENINO – Me dê seu laço... Eu vou guardá-lo aqui *(guarda o laço rosa na fresta do banco)* para quando eu acordar eu trazer você.

(A menina congela... como estátua)

MENINO *(tentando levá-la para outro lugar)* – Venha... *(percebe que ela congelou, e fica triste; solta a mão e volta para a praça.)*

(A menina sai de cena. Entra um homem.)

HOMEM – Ei moleque! O que você está fazendo aqui?

(O menino aparece. Está nu. Apavorado, tenta fugir, mas escorrega e não consegue se mover. Ele tenta gritar, mas não sai som. O homem permanece congelado. Escurece e ele some.)

(Do outro lado, surge uma sombra horrenda e um som tenebroso. A luz gira em espiral, em som de algo caindo, distante. Quando ele se levanta, ele está coberto por um plástico, como se fosse uma camisinha gigante. Está sufocado. Seu rosto está preso em um plástico, sem ar.)

MENINO *(sufocado, tentando furar o plástico)* – M... mãe! *(esperneia)*

(O Homem que dorme no banco da praça se mexe.)

HOMEM – M... mãe! *(mexe-se)*

(Escurece. Pouco depois, a luz fica azul. O menino está sentado, olhando para frente. Pessoas começam a passar na sua frente. Ele levanta-se. Tenta falar com elas. Passam pela frente dele e o ignoram, como se ele não existisse. Ele fica desesperado. Ele grita, e o homem que está deitado no banco grita. Tudo fica escuro. A luz acende. O menino não está mais lá. O homem acorda. Ele levanta-se, espreguiça-se, e olha em volta. De repente, pensa no sonho. Corre até a beira do banco e cutuca a fresta. Parece achar alguma coisa, um pouco de terra, um tecido velho, talvez, sujo e amarelado. Nenhum laço.)

Cena 9: a ponte invisível

(Uma adolescente ajuda uma mulher mais velha a sentar-se num banco da praça; a jovem tem uma mochila e a senhora tem uma bengala, que cai no chão quando ela se senta)

TIA *(com olhar perdido, como se olhasse para um ponto fixo)* – Nunca mais tinha vindo aqui... sempre achei que era um lugar de delinqüentes... mas é tão tranquilo... transmite tanta paz... como você descobriu este lugar?

JOVEM – Meus amigos... eles me passaram o endereço... não aparece na rede porque o código está com defeito. Por isso tem que entrar pela torre.

TIA – Antigamente esses praças viviam cheias de gente... Faz um ano que não saio de casa... às vezes esqueço como é bom...

JOVEM – Tia... deixa eu explicar porque trouxemos você aqui. Não temos muito tempo.

TIA *(ignorando-a)* – Antigamente, se você não saísse de casa, você enlouquecia, morria de fome, virava bicho... hoje é o contrário... ninguém sai na rua... fica todo mundo trancado.

JOVEM – Olha aqui, tia, não temos tempo para isto agora... em breve vão nos achar. Eu preciso que você me conte a história do blecaute.

TIA – Lembro que na minha infância houve um blecaute e várias pessoas saíram à rua. Não houve um único crime, mas nos dias seguintes várias pessoas enlouqueceram, ficaram mais paranóicas do que já eram...

JOVEM – Sim, isto eu sei... mas quando você foi presa... lembra? Você contou algo de uma janela, e no dia seguinte levaram você embora.

TIA – Eu não lembro.

JOVEM – Lembra sim, tia... faz um esforço. Aqui não tem perigo... ninguém ouve o que você pensa e nem liga para o que você diz. Como era essa janela?

TIA *(confusa)* – Eu não sei do que você está falando... não tinha nenhuma janela. Fomos todos para a rua... foi como uma grande festa. Eu me diverti muito.

JOVEM *(impaciente)* – Droga... eu tô fodida... *(para si)* essa velha é louca... *(para a tia)* se você não lembrar, eu tô fodida, tia... eu prometi aos caras que sabia onde ficava a passagem... Você falou que as pessoas entravam por um túnel...

TIA *(alegre)* – Sim... eu lembro! Era um teatro. As pessoas ficavam sentadas em volta, e no meio, acontecia um ritual...

JOVEM – Ritual? Que tipo de ritual?

TIA – Eles dançavam... contavam histórias com a voz, com o corpo, com as luzes... com o olhar...

JOVEM – Quem?

TIA – Ora, os atores?

JOVEM – Atores? Como assim? Era cinema?

TIA – Não... cinema é ilusão. Era vivo... as pessoas assistiam e participavam, todas juntas, no escuro...

JOVEM – Todas juntas? O que era isso?... Uma orgia?

TIA – Antigamente, pessoas que não se conheciam freqüentavam lugares e ficavam todos juntos. Era normal... Não acontecia nada. Era muito melhor que assistir filme em casa.... Hoje todo mundo tem medo de se tocar... de ficar perto...

JOVEM – Então é um filme... eu sabia! Eu tenho um monte de códigos de filme... Você lembra o código... ou talvez o título?

TIA – Não era um filme! Não era nada digital. Era humano... humano! Não está gravado em lugar algum...

JOVEM (*confusa*) – Não estou entendendo... como pode existir alguma coisa que não esteja gravada em lugar algum?... (*pensa*) Será que é esse o segredo?... Mas como vamos chegar lá? (*para a tia*) Me fale da janela!

TIA – Que janela?

JOVEM (*impaciente*) – Sei lá... o túnel... como se chega lá?

TIA – Não existe mais.

JOVEM – Eu sei disso... mas me diga onde foi que nós iremos rastrear... temos registro de mais de sessenta anos... certamente iremos encontrar.

TIA – Era aqui.

JOVEM (*olhando em volta*) – Aqui? Aqui onde?

TIA – Aqui... em todo lugar... neste banco, naquele prédio (*aponta como se estivesse vendo*) ... debaixo daquela torre tinha rituais todos os dias.

JOVEM – A torre fica prá lá (*apontando na outra direção*) Ih... caramba... Debaixo da torre não vai dar... porra! É muito arriscado.... que merda!

TIA (*ignora a jovem e sorri*) – Que sensação boa!

JOVEM – (*conformada*) Exagerei na dose, não foi, tia?... (*chateada*) Porra... Quando o efeito passar não vou ter tempo suficiente.... que merda...

TIA (*tranqüila*) – O tempo sempre se repete, minha filha.

JOVEM – Não me chame de filha.

TIA – Quando chovia, nós deitávamos na grama para sentir os pingos no rosto...

JOVEM (*para si*) – Merda... merda... merda...

TIA – Mas quando tinha trovão eu me escondia. Tinha medo...

JOVEM – Isso! (*eufórica*) Você falou de uma tempestade elétrica! Eu lembro! A janela se abriu no meio da tempestade... deu um curto... não sei, e ela se abriu, e um monte de gente conseguiu escapar.... não foi isso?

TIA (*séria*) – Não pode.

JOVEM – O que não pode?

TIA – Não se pode misturar as coisas...

JOVEM – Que coisas? (*silêncio*) Fale!

TIA (*olhando na direção da jovem*) – As coisas... Você não pode sair da personagem.

JOVEM (*confusa*) – Como assim.... personagem?

TIA – Você não existe, Sophie.

JOVEM – Quem é Sophie?

TIA (*maternal*) – Sophie, Sophie... fique quieta, menina! O tempo lá fora é outro. O espaço... ah, o espaço... é muito vasto. Você iria se dissolver... seria apenas uma palavra falada, uma idéia.

JOVEM (*confusa*) – Você não fala coisa com coisa...

TIA – A janela é a morte, Sophie.

JOVEM – Pare de me chamar de Sophie! (*nervosa*) Estou ficando com medo de você... Quem é você, dona... hein?

TIA – Eu sou o que você procura, Sophie.

(A jovem, aterrorizada, levanta-se bruscamente e encara a tia, que cantarola uma música baixinho)

JOVEM (*nervosa*) – Por que você está cantando?

(A tia ignora a pergunta e continua cantando. A música é suave e infantil mas tem um tom sinistro.)

JOVEM (*alterada*) – Por que você está cantando, porra? Pára! (*balança a tia*) Pára de cantar (*afasta-se, e fica de cócoras, de costas para a tia, tapando os ouvidos, falando palavras inaudíveis*)

TIA (*parando de cantar*) – Bem... acho que já está ficando tarde... você não acha, Sophie?

(A jovem chora com a cabeça entre as pernas)

TIA – Pensando bem, acho que vou ficar por aqui... Eu gostei deste lugar. (*Sorri.*)

(Pausa. A jovem levanta-se lentamente.)

TIA – Eu adorava o luar aqui da praça.

(Lentamente, a jovem senta-se no banco ao lado da tia, e fica em silêncio.)

TIA – Sophie?

JOVEM – Sim, tia?

TIA – Me leva para casa?

JOVEM – Tudo bem, tia... Onde está sua bengala?

TIA – Está aqui, no chão... você deixou cair, Sophie.

(A jovem pega a bengala e ajuda a tia a se levantar, colocando a bengala na mão dela. A tia procura o caminho como se fosse cega, como se não conseguisse ver direito.)

JOVEM – Você quer ajuda?

TIA – Não precisa... eu sei encontrar meu caminho... Obrigado pela companhia... foi uma tarde muito agradável, Sophie.

(A tia sai Tateando o caminho com a bengala. A jovem senta-se no banco com a cabeça entre os joelhos e espera escurecer.)

Cena 10: metamorfoses

(Duas mulheres jovens chegam e sentam-se num banco da praça)

TIREZA – Aqui não tem perigo... ele não vai conseguir rastrear.

GAIA – Eu tenho medo.

TIREZA – Não, não vai não... Isso foi tudo raqueado... os caras detonaram o sistema. Daqui só sai ruído, e eles nem ligam muito... É uma praça esquecida.

GAIA – Eu não agüento mais essa situação... não posso mais ficar fingindo ser quem eu não sou. Quero voltar à minha vida normal, quero esquecer tudo...

TIREZA – Quer mesmo? Duvido!

GAIA – Quero! Eu cheguei no meu limite... queria esquecer tudo e voltar a ser como os outros.

TIREZA – É patético ouvir isso... mas eu não tenho uma boa notícia para você... Não tem como! Não tem como voltar no tempo... Você não vai conseguir viver na farsa... Memória não se apaga. Essas drogas todas mexem com a memória, vão deixá-la louca, mas não vão resolver o seu problema. Você tem que enfrentá-lo.

GAIA – Mas como? Eu não agüento mais isso. Ele me obriga a ler aquele livro todas as noites... Já sei um monte de trechos decorados... A consciência dessa vida vai me deixar louca...

TIREZA – Eu já disse... caia fora!

GAIA – Não posso...

TIREZA – Pode sim... tenha coragem.

GAIA – Não posso... ele vai me achar... Não existe nenhum lugar para onde eu possa ir... Já pensei em trocar de identidade de novo, mas hoje em dia eles rastreiam tudo...

TIREZA – Você pode entrar com um processo... você não é obrigada a seguir a religião dele; isto justificaria proteção caso você quisesse pular fora.

GAIA – Não ia funcionar... ele tem poder... eu desconfio que ele sabe que eu não sou inocente... já pensei em tudo; comprar uma identidade, escapar da cidade...

TIREZA – Trocar de sexo?

GAIA – Não.

TIREZA – É uma opção... e é perfeitamente legal. Aliás, é a única forma legal de mudar de identidade, e se você conseguir comprar uma identidade e trocar de sexo com ela, ele não vai te achar de jeito nenhum...

GAIA – Mas eu não quero trocar de sexo...

TIREZA – Não é traumático... além do mais, é reversível...

GAIA – Não... eu não me sinto homem...

TIREZA – É só temporário! Você não precisa mudar de sexo para sempre...

Depois de um tempo, quando você não aparecer mais nos registros, você arranja uma identidade e faz o caminho inverso?

GAIA – Mas... isso não é complicado?

TIREZA – Não... hormônios, células-tronco, regeneração, próteses cultivadas... não tem nada de metal, nada elétrico... tudo orgânico. A cirurgia é rápida e tem uma comunidade virtual onde você consegue um código de autorização e liberação para a cirurgia.

GAIA – Como você sabe tudo isto? ... eu não tenho dinheiro...

TIREZA – A chave de liberação inclui autorização de pagamento.

GAIA – É de graça? Eu sempre pensei que essas cirurgias custassem uma fortuna...

TIREZA – Não... não é de graça, várias pessoas pagam... nós desviamos dinheiro de suas contas... pequenas quantidades e ninguém percebe.

GAIA (*assustada*) – Nós? ... Você está envolvida com isto?

TIREZA – Não exatamente...

GAIA – Mas como você sabe de tudo isto? Você tem ligações com os terroristas digitais...

TIREZA – Você está invertendo as coisas... pensei que ele fosse o terrorista...

GAIA – Não tem nada a ver... eu não gosto dele, mas ele não é terrorista... só porque é religioso vocês sempre pensam que é terrorista. Se for olhar por esse lado, eu sou mais delinqüente que ele... eu sei coisas que ele não sabe...

TIREZA – Mas ele está no controle do seu mundo... (*silêncio*) Mas e aí?

GAIA – Não sei... quais os riscos?

TIREZA – Você vai ter que voltar a tomar os sincronizadores, por uns três dias... moderadamente... você não vai perder a noção das coisas, mas vai ficar mais à vontade; troca de identidade é só uma reação química... não tem nenhum efeito colateral... só faz mudar a frequência que seu cérebro irradia para fora, mas não afeta nada internamente. A cirurgia dura cinco minutos e faz efeito em duas horas.

GAIA – E depois?

TIREZA – Depois você pode curtir a vida como homem, e estará livre dele para sempre.

GAIA – Não tem mesmo como rastrear?

TIREZA – Não.

GAIA – Eu não sei... eu tenho medo.

TIREZA – De que ele te ache?

GAIA – Não... de ser homem... eu não sei se é isso que quero... não sei se vale a pena...

TIREZA – Eu já fiz duas vezes...

GAIA – Como assim? Você era homem?

TIREZA – Fui... por um tempo... mas eu nasci mulher.

GAIA – Mas... você é linda... perfeita...

TIREZA – Só troquei de sexo, não de corpo... além do mais, voltei a ser mulher...

GAIA – Por que? ... Você não gostou de ser homem?

TIREZA – Não foi isso... fui homem durante sete meses... foi até divertido.

GAIA – E por que você voltou a ser mulher?

TIREZA – Passou... enjoiei... não me sentia mais homem... comecei a ficar com nojo de mim mesma...

GAIA – Então porque você decidiu ser homem na primeira vez?

TIREZA – Não quis...

GAIA – Não?

TIREZA – Tive que fugir de um homem que dizia ser meu pai...

GAIA – Que louco! Mas... porque você teve que fugir, e não ele?

TIREZA – Você ainda acha que esse mundo é justo, não é mesmo? O poder não evoluiu através dos tempos... continua do mesmo jeito... quem é amigo do rei, está sempre por cima... Nós sabemos de tudo mas eles continuam no controle... é uma merda. Você é prova disso...

GAIA – Quando começamos?

TIREZA (*distraída*) – O que?

GAIA – Eu quero ser homem...

TIREZA – Bem... (*confusa*) eu tenho que ver se os meus contatos estão atualizados...

GAIA – Então veja! (*eufórica*) Veja logo! Qual é o endereço do lugar?

TIREZA – Não lembro... vou ter que pesquisar... o símbolo é um ícone com duas cobras...

GAIA (*confiante*) – Eu vou matá-lo!

TIREZA – O que?

GAIA (*valente*) – Um homem vai matá-lo...

TIREZA – Tenha calma... ainda estamos na praça... e não pense em besteira.

GAIA – Me leve lá agora.

TIREZA – Olha... faz muito tempo...

GAIA (*agressiva*) – Me leve lá agora! Eu não posso esperar...

TIREZA – Tudo bem... primeiro se acalme... relaxe... (*Gaia relaxa*) ... eu vou pesquisar isto para você, prometo, mas espere até amanhã...

GAIA – Não! (*levanta-se*) Eu não volto mais lá! Não, não e não!

TIREZA – Veja... sente-se. Sente-se! (*Gaia senta-se*) Seja racional... não é uma coisa tão simples assim. Temos que conseguir as identidades, achar a porra do lugar, tenho que ir atrás dos códigos... se você agüentou até hoje agüenta mais uns dias... faça um esforço...

GAIA (*chora*) – Ele vai descobrir tudo...

TIREZA – Não se você mantiver a calma... fingir que nada aconteceu... decorar seus versos e deixá-lo feliz...

GAIA – Você não entende... ele sabe tudo... às vezes eu acho que ele lê a minha mente...

TIREZA – Então é melhor você tomar uma dose dupla de *Nepenthe*...

GAIA – Odeio esquecer... odeio, odeio!

TIREZA – Ninguém esquece tudo... é impossível... mas não tem outro jeito. Vá para casa agora e amanhã nos falamos.

GAIA – Sabe o que eu pensei agora?

TIREZA – Sei sim... que eu poderia ser informante dele... Bobagem...

GAIA – É... tem razão... (*pausa*) Eu vou embora... (*levanta-se*)

TIREZA – Até amanhã.

(*Gaia sai.*)

Cena 11: cosmogonia

(Duas pessoas de sexo indefinido; acabaram de tomar drogas)

URAN³ – Ela não tem limites. É uma singularidade no sistema. Não sei o que houve. Os códigos foram corrompidos e realimentados. O sistema entrou em colapso e começou a devorar os blocos vizinhos.

KRON – Dilatou o tempo. Eu já consigo ver as árvores, e a igreja?

URAN – Igreja?

KRON – Sim... parece uma igreja... ali onde fica a torre.

URAN – Eu quero provar este... quero ver a igreja...

KRON – Não foi o que combinamos... hoje o tempo é meu... eu também vou querer provar o seu, mas não hoje...

URAN – Eu não estou sentindo nada...

KRON – É que demora mais para fazer efeito... essa visão dos códigos e singularidades eu não tive... deve ser a sua fazendo efeito.

URAN – É... pode ser... era para dilatar o espaço... não estou vendo nada disso...

KRON – Tem gente... muita gente... tem luzes... a claridade dói.

URAN – Está formando uma espiral... *(perde o equilíbrio e quase escorrega)* vou cair...

KRON – Ai... *(cobrindo os olhos)* ... ai! *(levantando-se)* Fiquei cego! *(desesperado, põe a mão nos olhos)* Não!! *(chora)* Não!

URAN – Fique calmo, seu idiota... Sente-se *(puxa Kron para o banco)*... é o efeito... nossa... como você ficou pequeno... está sumindo... que louco...

KRON – Era a luz... agora estou vendo de novo... o dia é muito claro; eu só tolero as luzes da noite.

URAN – Eu só não estou gostando desse zumbido nos meus ouvidos... está ficando insuportável... ai... lá vem outro redemoinho... *(põe as mãos na cabeça e quer gritar... cai no chão em posição fetal e tem convulsões)*.

KRON *(com o olhar vesgo... delirante)* – Pessoas... muitas pessoas... eu quero pegar *(tenta levantar-se para pegar algo)*... passarinhos... *(ri, como um idiota)*... isso são o que? *(confuso)* ... Uran, isso são carros? *(assusta-se)* Ele vai me pegar... Aaaii!! *(cai, como se tivesse sido atropelado)*.

URAN *(levantando-se)* – Nossa... *(ri)* ... o mundo está girando... como é boa essa sensação de queda... *(cambaleia e cai novamente)* O que foi que você disse, Kron?

³ Nomes inspirados Urano e Saturno (Cronos), com papéis trocados. Na mitologia Urano era o espaço, e Saturno o tempo. Saturno é filho de Urano e devorou todos os seus filhos, exceto Júpiter (Zeus). O texto também faz referências à física dos buracos negros (onde o tempo não passa, a luz desaparece e o espaço se curva) e à teoria quântica dos universos paralelos.

KRON (*imóvel, falando com voz grogue*) – Eu vou morrer...

URAN – Deixa disso... nossa... que tesão... vou gozar...

KRON – Que dor...

URAN (*gozando*) – Ah... ah... eu vou morrer de tesão... ai...

KRON (*levantando-se, cego*) – Está tudo escuro... Uran... onde está você?

URAN (*saciado, sorrindo*) – Aaahhh...

KRON (*grita*) – Uran!!

URAN (*baixo*) – Estou aqui... ah... fui tragado pelo buraco negro... (ri) renasci num Big Bang... Eu sou o todo... sou o Universo... (*sente uma pontada de dor ou prazer*) ai...

KRON (*desesperado*) – Uran... eu não estou vendo nada... o tempo não passa... não passa... Uran, faça alguma coisa...

URAN – O que você quer que eu faça, meu filho? Eu não estou mais no seu universo... eu comi o seu universo... (*sempre feliz, rindo*) isso aqui é muuito louco... muito louco... nossa... quantas cópias de mim... (ri) que engraçado... sou infinitos...U-hu!

KRON (*chorando*) – Uraaan! Não me deixe sozinho... (*chora copiosamente até ficar sem ar*) Eu não sei onde estou... Eu não consigo me tocar... eu não existo mais... Uraaan!

URAN – Calma, calma... logo, logo vai passar... tenha calma... curta a inexistência, meu... ah, se o tempo não passasse...

KRON – Eu não quero... quero sair... eu quero falar!...

URAN – Ora... eu estou lhe ouvindo... ah... que delícia... lá vem outro buraco negro...

KRON – Mas... não sou eu! O pensamento não é meu! Eu não consigo pensar o que eu quero... Eu não sei onde estou... (*arrastando-se, cego*) eu não penso, eu não existo...

URAN – Ai... este está queimando...

KRON (*chora*) – Eu sou o nada!

URAN – Ai, ai, ai... (*grita*) a..a..a...aaaiii!!! (*cai e entra em convulsão violenta, revira os olhos, bate a cabeça*) Ah... ah...

KRON – Achei um... peguei! Peguei!

URAN (*em transe*) – Ur...

KRON (*grita, mas sem terror*) – Aaa.... estou caindo! Eu vou girar mais rápido... (*Uran treme como se em febre intensa. Kron tenta levantar-se, mas escorrega*)

KRON (*tonto*) – E...eu... n...não... p...páro... d...de g...gi...raaar.... (*som de hélice girando cada vez mais rápido até virar um apito estridente... Kron levanta-se... tapa os ouvidos e grita sem fazer som.*)

(Kron cai no chão. O som pára. Transforma-se em um tic-tac de relógio...)

URAN *(exausto)* – Morri...

KRON – Eu sonhei que você tinha me devorado...

(pausa)

URAN *(levantando-se)* – Que dor de cabeça... que ressaca...

KRON – Como foi rápido...

URAN *(restabelecendo-se)* – Pois é... hoje em dia essas coisas não duram...

KRON – É melhor a gente ir embora... daqui a pouco vão nos achar...

URAN – Não... acham não... aqui é o fim do mundo... aqui ninguém acha ninguém.

Cena 12: o julgamento

(Três adolescentes visivelmente alterados, caídas ou sentadas no chão da praça.)

ERS⁴ *(sem levantar-se)* – Pri!

PRI *(levantando a cabeça)* – O que é?

ERS – Eu quero mais.

PRI – Acabou.

ERS – Ah... droga!

ARS *(levanta-se)* – Droga o que, hein? Você fique quieto e não reclame!

ERS *(levanta-se, e sussurra irritado)* – Vá tomar no cu!

PRI – Você não comece de novo...

(Ers mostra a bunda para Ars, que não vê)

ARS – Ele não vem... é um filho da mãe.

PRI – Ainda faltam duas horas para clarear... talvez ele tenha tido algum problema.

ARS – A bosta é que aqui não pega nada... não dá pra rastrear nada...

ERS – Se desse a gente não estaria aqui...

ARS *(irritado, grita)* – Cale a boca!

PRI – Calma, Ars...

ARS – A culpa é sua também! Foi você quem trouxe esse moleque... que saco!

(Ers quer provocar Ars, e Pri tenta impedir)

PRI – Você pediu alguém que entendesse de invasão de sistemas, de pornografia digital...

ARS – Pra entrar na porra desse sistema e foder com os caras, não para dar o cu e ficar se drogando a noite inteira falando merda!

(Ers mostra o dedo para Ars, que não vê, e sai caminhando. Ars senta-se no banco e fuma um cigarro. Pri permanece sentada no chão)

PRI – Ele sabe programar bem...

ARS *(irônico)* – É mesmo? *(com raiva)* E o que adianta saber programar bem aqui, neste cu? Se aquele cretino não aparecer ele vai se foder... vou detonar os sistemas dele... vou travar todas as portas que ele tiver... A vida dele vai virar um inferno.

PRI – E vai adiantar? Como você sabe que a identidade dele é real... é muito mais provável que seja falsa. Se você se expuser desse jeito vão pegar você.

ARS – É uma bosta!

PRI – Você não devia acender isso...

⁴ Nomes inspirados em Eros (Cupido), Vênus (April) e Marte (Ares).

ARS – Por que? Porque vai me matar? Eu quero morrer...

PRI – Não... por causa do calor... Tem filtro de infravermelho na torre...

ARS – Foi alterado também... aqui é território livre, aberto. Nenhum lugar fechado oferece tanta privacidade quanto esta praça. É um buraco negro.

(Ers volta com uma seringa que ele achou no chão)

PRI – Ers, o que é isto?

ERS – Eu achei.

PRI – Você não vai usar, não é?

ERS – Não... mas tem um pouco ainda... vou botar na minha...

ARS – Garoto, se você fizer isto, eu não me responsabilizo por nada... você sabe o que tem aí dentro?

ERS – Não... mas deve ser bom...

ARS – É a primeira vez que você sai de casa, não é?

ERS – N... não... eu saí quando tinha 12.

ARS – Vai... não precisa mentir para mim... Não sou idiota. Joga essa seringa fora que isso é veneno!

ERS – C... como você sabe?

ARS *(para Pri)* – ... resolve aí que eu não tô a fim de me estressar mais com esse moleque.

PRI – Ers, jogue isto fora!

ERS – Mas... *(contrariado)* ah não!

PRI – Deixa eu ver a seringa, Ers.

ERS – O que você vai fazer com ela?

(Ars mexe em um dispositivo eletrônico, como um Palmtop)

PRI – Ers, me dê essa seringa!

(Ers joga a seringa no chão e sai contrariado. Senta-se de costas no chão.)

PRI – Isso aqui não é joguinho virtual, Ers... Aqui só tem uma vida. Comporte-se ou eu mando você de volta.

ERS *(malcriado, sem se mover)* – Bah.

(Pri vê Ars com o Palm)

PRI *(apavorada, para Ars)* – Você é louco, cara? Como é que você liga isso aqui! *(desesperada, toma o Palma da mão dele)* Desliga! Como desliga isso?

ARS – Sai pra lá... não pega bosta nenhuma... olha *(toma o Palm e mostra a tela para Pri)*... Eu não falei que isto era um buraco negro. O cara nos trapaceou... Ele tá fodido. Vou foder com ele...

ERS – Eu tenho uns códigos de porco.

ARS – Pra que eu quero isso, moleque?

ERS – Você quebra o sincronismo dele quando tiver perto de um sentinela, depois injeta o código e o sentinela vai pensar que ele é um porco e vai levá-lo para processamento.

ARS (*rindo sarcasticamente*) – Tu és cruel, hein... Já fizeste isso, foi? Cuidado que se pegares um defaciado, estás morto. Isso só funciona com gente inocente.

ERS – Eu já desmanchei um defaciado.

ARS – Duvido.

ERS – Desmanchei sim! (*levantando-se na direção de Ars*) Eu travo seu registrador de rascunho, duvida?

ARS (*apontando o dedo para Ers*) – Se você fizer qualquer gracinha, garoto... você vai ver...

ERS – Eu consigo pegá-lo... deixe eu tentar.

ARS – Não.

ERS – Eu descubro o código dele.

ARS – É falso. Não adianta.

ERS – Eu sei rastrear. Eu tenho um bilhão e meio de registros... Eu baixei todo o registro de pornografia, inclusive os seus...

(*Ars irrita-se.*)

ERS – E eu sei que você rastreou a Pri...

ARS (*levanta-se derruba Ers no chão*) – Seu filho da mãe... (*bate em Ers*)

PRI (*salta em cima dos dois, tentando separá-los*) – Parem... seus... (*leva um soco e cai para o lado*)

ARS (*sente uma pontada de dor e pára*) – Ai... (*empurra Ers para longe*) ... me furei... que merda é essa? (*tenta tirar algo das costas*) ... É a maldita seringa... puta que pariu... que diabos tinha aí dentro?... Você não jogou isso fora, Pri? ... Pri... (*grita*) Porra!

(*Pri e Ers observam Ars.*)

ARS (*caminha pelo ambiente... fala mais baixo*) – Porra... (*Como se estivesse chorando de raiva*) Porra Pri!

PRI – Calma... sente-se... pode não ser nada... pode ser só um entorpecente leve.

ARS – É Styx⁵... eu sei... é Styx. Eu vou morrer...

PRI – Como você sabe? Ninguém sabe... Se você apagar nós o levaremos embora.

ARS (*exausto, senta-se no banco*) – Estou ficando sem ar... É Styx... eu conheço.

PRI (*senta-se ao lado dele, e o abraça*) – Não é não... fique calmo... você está imaginando coisas... é psicológico...

ARS (*ofegante*) – Esse moleque... Cai fora, Pri.

PRI – Não... vou ficar...

⁵ Styx (*Estige*) é um dos rios do inferno. No *Inferno* de Dante é onde ficam as almas condenadas pelo pecado da ira.

ARS (*grita, com o ar que lhe resta*) – Sai daqui! (*engasga e escorrega da cadeira*)

(*Pri tenta reanimá-lo*)

PRI (*chora*) – Ai... ai...

(*Ers chega perto*)

PRI (*irritada*) – Sai daqui, Ers! (*deita-se abraçada com Ars, que não levanta. Beija-o.*)

(*Ers permanece em pé... vendo a cena, imóvel... tenta afastar-se mas hesita.*)

ERS (*vendo algo distante*) – Pri!... Vem alguém... alguém vem vindo! Pri? Você não vai levantar?

(*Pri e Ars estão imóveis. Ers corre até os dois e tenta mexê-los. Um som distante começa a ficar mais alto*)

ERS – Pri... acorda, porra! Vem vindo um monte de gente... (*desesperado*) Pri!

Acorda! (*com medo*) Ai...

(*o som das pessoas chegando vai ficando mais forte, mais intenso, mais assustador... a luz aumenta. Ers levanta o rosto e seu rosto exhibe uma expressão de terror... a luz intensa o ofusca... tenta se proteger com as mão e grita. A luz continua. Ouve-se vozes. Um estalo repentino. Tudo fica escuro. Silêncio.*)